

ARTHUR AZEVEDO

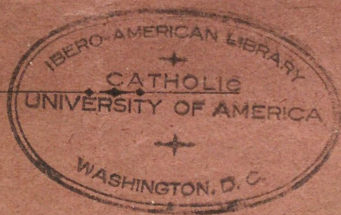
# GAUROCHE

REVISTA FLUMINENSE DE 1898

EM 3 ACTOS E 16 QUADROS

MUSICA DE

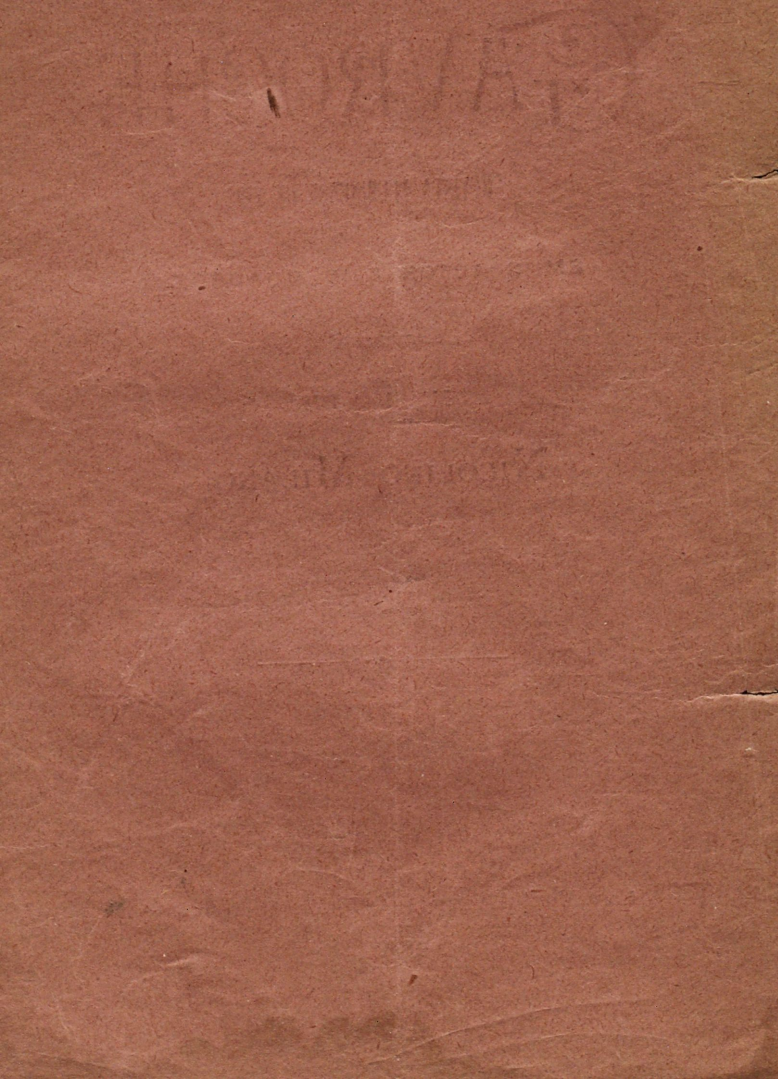
NICOLINO MILANO



RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne, rua Moreira Cesar n. 82

1899



# GAVROCHE

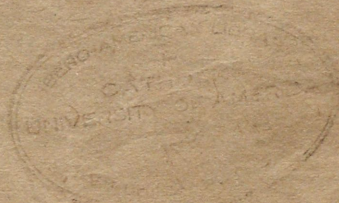
Revista Fluminense de 1898, em 3 actos e 16 quadros

---

Representada pela primeira vez  
no Rio de Janeiro, no theatro Recreio Dramatico,  
em 3 de Março de 1899.

---

EMPRESA SILVA PINTO



## Peças originaes de Arthur Azevedo

- *Amor por annexins*, comedia em 1 acto.
- *O anjo da vingança*, drama em 3 actos, de colaboração com Urbano Duarte.
- *O Badejo*, comedia em 3 actos, em verso.
- *O Barão de Pituassú*, comedia-opereta em 4 actos.
- *O Bilontra*, revista de 1885, em 1 prologo e 3 actos, de colaboração com Moreira Sampaio.
- *A Capita Federal*, opereta em 3 actos.
- *O Carioca*, revista de 1886, em 1 prologo e 3 actos, de colaboração com Moreira Sampaio.
- *Cocota*, revista de 1884, em 4 actos, de colaboração com Moreira Sampaio.
- *Casa de Orates*, comedia em 3 actos, de colaboração com Aluizio Azevedo.
- *A Donzella Theodora*, opereta em 3 actos.
- *E mettam-se!* comedia em 1 acto.
- *Entre o vermouth e a sopa*, comedia em 3 actos.
- *O Escravocrata*, drama em 3 actos, de colaboração com Urbano Duarte.
- *Fritsmac*, revista de 1888, em 1 prologo e 3 actos, de colaboração com Aluizio Azevedo.
- *O Homem*, revista de 1887, em 3 actos, de colaboração com Moreira Sampaio.
- *O Jagunço*, revista de 1897, em 3 actos.
- *Joanico*, opereta em 1 acto.
- *A joia*, comedia em 3 actos, em verso.
- *ellar e Fagundes*, entre-acto cómico.
- *O Liberato*, comedia em 1 acto.
- *O Major*, revista de 1894, em 1 prologo e 3 actos.
- *O mandarim*, revista de 1883, em 1 prologo e 3 actos, de colaboração com Moreira Sampaio.
- *A Mascotte na roça*, comedia em 1 acto.
- *Mercurio*, revista de 1885, em 3 actos, de colaboração com Moreira Sampaio.
- *Uma noite em claro*, comedia em 1 acto.
- *Os Noivos*, opereta em 3 actos.
- *A pelle do lobo*, comedia em 1 acto.
- *A princeza dos Cajueiros*, opereta em 3 actos.
- *Pum!* opereta em 3 actos e 6 quadros, de colaboração com Eduardo Garrido.
- *Republica*, revista de 1889, em 1 prologo e 3 actos, de colaboração com Aluizio Azevedo.
- *O Rio de Janeiro em 1877*, revista em 1 prologo e 3 actos, de colaboração com Lino de Assumpção.
- *O Tribofo*, revista de 1891, em 3 actos.
- *Uma vesperta de Reis na Bahia*, opereta em 1 acto.
- *Viagem ao Parnaso*, revista de 1890, em 3 actos.

---

As peças com o signal · estão publicadas.

ARTHUR AZEVEDO

---

# CAVROCHE

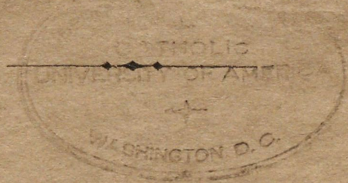
REVISTA FLUMINENSE DE 1898

EM 3 ACTOS E 16 QUADROS

---

MUSICA DE

NICOLINO MILANO



RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne, rua Moreira Cesar n. 82

1899

70

2677

A75

938

1898

6330.

## PERSONAGENS

A Revista de Anno, A Policia, A Colonia Portugueza, A Companhia Industrial, O Centro Artistico, A imprensa, A Fada das Bonecas .....	Pepa. Clelia. Estephania Lour.
Brigida .....	
Nenen .....	Blanche Grau.
A Cerveja Antartica, Uma mo- dista, A Tribuna, Dalila.....	
A Fantasia, A Cerveja Francis- cana, Uma Companhia de se- guros, A Imprensa (jornal), A Marcha de Cadiz.....	Ismenia Matteos.
A Força Armada, A Cerveja Guarda Velha, Uma senhora de tamancos, Outra compa- nhia de seguros, A Verdade, Clara Taupin.....	Manarezzi.
A Lavoura, A Cerveja Bavaria A Sociedade Commemora- tiva das Datas Nacionaes, Outra companhia de seguros, Outra Marcha de Cadiz, Uma parteira .....	Adelaide Lacerda.
A Politica, O Phosphoro Marca- Olho, Outra companhia de seguros, Mercurio (jornal) Uma boneca .....	Granada.
A Magistratura, A Vella Bra- zileira, Outra companhia de seguros, A Rua do Ouvidor (jornal) Outra boneca.....	Maria Lima.
A Industria, A Cerveja Teu- tonia, O Corpo de Bombeiros, A Ronda, Outra boneca.....	Carmen. Virgilia. Olympia. Edmundo André Machado. Leonardo.
Outra Marcha de Cadiz .....	
Outra Marcha de Cadiz.....	
Simão de Nantua .....	
Gavroche .....	
Boaventura .....	





# PRIMEIRO ACTO

## QUADRO I

No Palacio da Fantasia,

### N. 1

CORO DAS AIAS.  
O' delicada,  
Mimosa fada  
Que estas deitada  
Nesse divan,  
Flôr melindrosa,  
Fresca e viçosa,  
Como és formosa,  
Como és louçan!

### A FANTASIA

Os leques agitae languidamente,  
Porque o dia não pôde estar mais quente!

A viração não corre,  
E do calor a gente  
Embrutecida morre!

### CORO

O' delicada, etc.

### N. 2

### CORO E MARCHA.

Eis as revistas fluminenses;  
Mas que vêm todas, oh não penses:  
Ha outras muitas, muitas mais:  
Aqui só estão as principaes,  
Pois que seria necessaria,  
Se viessem todas as revistas,  
Mais uma duzia de coristas  
Queriam napeza diaria.

VALSA DA REVISTA DO ANNO.  
Eu sou a Revista de Anno  
    Brasileira;  
Quem diz que as artes profano,  
    Diz asneira.  
Aqui, como em toda a parte,  
    Sou bemquista,  
Porque ha sempre um pouco de arte  
    Na revista.  
Sem que a sociedade offenda,  
    Sou risonha,  
E não devo dessa prenda  
    Ter vergonha.  
Nestes tempos tão bicudos  
    Me parece  
Que quem cura os carrancudos  
    Bem merece.  
Eu sou a Revista de Anno  
    Brasileira.  
Tenho um sorriso magano!  
    Sou faceira!

CORO.

Ella é a Revista de Anno  
    Brasileira.  
Tem um sorriso magano!  
    E' faceira!

N. 3

COPLAS DE GAVROCHE.

(Letra de Mme. Rose Méryss.)

I

Salut! c'est moi, que j'suis Gavroche.  
Le goss', le mô'm', le faubourien !  
Si j'ai pas d'gallet' dans ma poche,  
Je m'en . . . moque en vrai parisien  
Pourvu qu'à la port' d'un théâtre,  
En r'luquant les Vénus de plâtre,

Je puiss' ramasser un mégot,  
En f'sant la nique au brav' sergot!  
Et digue, digue! Et tin! tin! tin!  
Tout est pcur moi joyeux butin!  
On dit d'la plac' Maub'à Pantin:  
Voilà l'morveux! voilà l'gamin!  
Aussi d'la plac' Maub'à Pantin  
On gob' Gavroch', le gai lutin!

II

Je suis bon zig, la chose est sûre;  
Mais faut pas trop m'tarabuster...  
Quand on m'attaqu'j'fais pas ma hure:  
Du pied, d'la langu'j'sais riposter!  
Malgré que j'pay'pas d'apparence,  
Dès qu'y s'agit d'entrer em danse,  
On sait qu' Gavroch' ne flanch'pas,  
Quel que soit l'objet du branl'-bas!  
Et digue! digue! et tin! tin! tin!  
Tout est pour moi joyeux butin!  
Ça s'sait d'la plac' Maub'à Pantin  
Qu' j'ai la têt'viv', l'cœur sur la main!  
De la plac' Maub'jusqu'à Pantin  
On gob' Gavroch', le faubourien!

N. 4

CANTO DE GAVROCHE.

De revista ser compadre  
O meu sonho era,—e não ha  
Profissão que mais me quadre,  
Posição que mais me vá.  
Eu sou páo p'ra toda a obra!  
Prompto sempre me acharão!  
Meu espirito manobra  
Em qualquer situação.  
Em sendo preciso  
Dansar o cancan,

Até que o sorriso  
Do sol da manhan  
Formoso desponte  
No bello horisonte,  
Eu posso dansar  
Sem me fatigar!

(*Dansa o can-can. Todos o imitam.*)

E se é preciso maxixar,  
Não me faço rogar!

(*Maxixe geral.*)

— — —  
N. 5

COPLAS DE SIMÃO DE NANTUA.

I

Bem sei que neste genero  
De peças theatraes  
Ha certas coisas classicas  
Que não se acabam mais.  
De cada typo exige-se  
Que impinja o seu *couplet*  
Ao respeitavel publico,  
Para dizer quem é.

Obedeço á fórmula  
Sem tugir,  
Nem mugir:  
Sou Simão de Nantua,  
Para os servir.

CORO.

Obedece á fórmula  
Sem tugir,  
Nem mugir:  
E' Simão de Nantua,  
Para os servir.

— — —

SIMÃO.

H.

Sou personagem celebre,  
Porque não ha ninguem  
Que desde a terra infancia  
Não me conheça bem.  
Passou a minha época,  
Porém não ha questão  
Que fui popularissimo  
Tal qual como o Brandão.  
Obedeço á fórmula, etc.

N. 3

FINAL DO QUADRO I

A FANTASIA.

Vaes bem servida!  
Logo se vê!

A REVISTA.

Agradecida.

A FANTASIA.

Não ha de que.

SIMÃO, *a Gavroche.*

Eu não preciso

Fazer-te ver

Que muito juizo

Precisas ter.

GAVROCHE, *aparte.*

Tu, se cacetete,

Pretendes ser,

N'um torniquete

Te hei de trazer!

AS AIAS.

Vamos leval-os!

Acompanhal-os!

Sigamos, pois,

Tudo marchando a dois e dois,  
Elles primeiro e nós depois!

CORO GERAL.

Cada qual mais prazenteiro,  
Vamos todos, vamos lá!  
Este quadro, que é ligeiro,  
Terminado agora está.

Vamos lá!

Vamos já!

(*Sahida geral. Mutação.*)

## QUADRO II

O jogo do bichos.

N. 7

CORO E COPLAS DA BICHARIA.

Estão aqui representadas  
Diversas classes sóciaes:  
Gente de todas as camadas,  
Figuras muito especiaes.  
Vimos aqui, sem mais aquellas,  
Um dia sim e outro tambem,  
Preito render ao Vacanellas,  
Que é o nosso deus e o nosso bem.  
O' Vacanellas!

Cá estamos nós! Ligeiro vem!

VACANELLAS, *entrando.*

Da bicharia o chefe eil-o aqui já!

(*Todos se ajoelham*)

Ajoelhada a meus pés a sociedade está.

I

Quem é o banqueiro turuna?

TODOS

E' Vacanellas

VACANELLAS

Quem distribue a fortuna?

TODOS.

E' Vacanellas !

VACANELLAS.

Quem paga oitenta á dezena ?

TODOS.

E' Vacanellas !

VACANELLAS.

E quinhentos á centena ?

TODOS.

E' Vacanellas !

Apreciamos

Accões tão bellas,

E te adoramos,

O' Vacanellas !

VACANELLAS.

II

Quem paga no salteado ?

TODOS.

E' Vacanellas !

VACANELLAS.

Quem paga no reservado ?

TODOS.

E' Vacanellas !

VACANELLAS.

No moderno e no antigo ?

TODOS.

E' Vacanellas !

VACANELLAS.

Quem do povo é tão amigo ?

TODOS.

E' Vacanellas !

Apreciamos etc.

N. 8

LUNDU' DO MALANDRISMO

I

Menino, o jogo dos bichos  
E' o jogo de mais caprichos !  
Nem da roleta os esguichos  
Produzem tal commoção !  
Jogar é mesmo um regalo  
Na borboleta ou no gallo,  
No elephante ou no cavallo,  
No camello ou no leão !  
Quem bem nada não se afoga,  
Quem caenão passa do chão,  
É quem nos bichos não joga  
Não tem consideração.

TOQUE.

Quem bem nada não se afoga, etc.

O MALANDRISMO.

II

Ai, meu amor, todo o dia,  
Quando corre a feueria  
Sinto com mais energia  
Palpitar meu coração,  
E nesse instante gostoso  
De expectativa e de gozo,  
Corre um frémito ansioso  
Por toda a peçoção !  
Quem bem nada não se afoga, etc.

TOQUE.

Quem bem nada não se afoga, etc.

COPLAS DO BOLLIA.

Eu sou a bollia,

E, tendo bollia



De haver um banqueiro  
De bichos aqui,  
Logo presurosa,  
Lépida e zelosa,  
Com passo ligeiro  
De casa sahi.

II

Mas que infelicidade!  
Que contrariedade!  
Eu caminho a esmo...  
Não enxergo bem!  
Pelas ruas ando  
Sempre tropeçando  
Sem prender, e mesmo  
Sem multar ninguem!

N. 10

QUADROS III E IV

A praça Tiradentes—Apotheose ao centenario da India

CORO.

E' certamente o phonographo  
Maravilhosa invenção!  
Não ha outra neste seculo  
Tão pasmosa, isso é que não!  
Viva e reviva o americano Edison,  
Illustre sabio que na gloria está!  
Elle teria descoberto a polvora,  
Se descoberta não estivesse já!

N. 11

COPLA DE GAVROCHE.

Oxalá que dessem cabo  
De outros velhos pardieiros  
Que bem podiam—que diabo!—  
Dar que fazer aos bombeiros,

E o proprio fogo engeitou!  
Quizera ver feito em cisco  
Aquelle casebre infame  
Do canto de São Francisco,  
Ao lado da Nôtre-Dame,  
Defronte do hotel Ravot!

N. 12

COPLA DO CARNAVAL.

Embora não pareça, o Carnaval eu sou,  
Que da miseria extrema ao extremo já chegou!  
Da minha morte o instante approximado está!  
Do brincalhão que fui a sombra não sou já!

Quando me via

— Oh, que alegria! —

Punha-se o povo a saltitar!

Porém agora

Suspira e chora

Sempre que assim me vê passar!

Vou expirar!

*(Cae desfallecido nos braços de Simão e Gavroche. Continúa a declamação. — A tempo:)*

Viva a alegria!

Viva a folia!

Terá um fim tamanho mal!

Deus de hora em hora

Tudo melhora!

Viva e reviva o Carnaval!

N 13

COFLAS DO PHOSPHORO MARCA-OLHO

I

Vinte marcas ha de phosphoros  
Fabricados no paiz,

Qual tem tido melhor exito ?

Qual tem sido o mais feliz ?

E' o Marca-olho !

TODOS.

E' o Marca-olho !

O PHOSPHORO.

E' o Marca-olho, — toda a gente o diz !

Homenagens mil recolho,

Como um monarcha,

Pois que a marca-olho é marca

De encher o olho !

TODOS.

Sim, que a marca-olho é marca

De encher o olho !

O PHOSPHORO.

II

Podem crer que a minha fabrica

Outras fabricas matou,

E que o olho, na pontissima,

Já se popularizou !

O jonkopingues...

TODOS.

O jonkopingues...

O PHOSPHORO

O jonkopingues já se evaporou

Homenagens mil recolho, etc.

N. 14

VALSA DAS CERVEJAS.

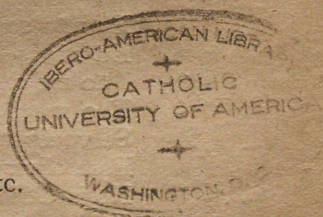
Somos as quatro cervejas

Nacionaes,

Que depois de mil pelejas

Deseguaes,

Conseguimos vencer as demais !



TODOS.

Somos {  
Sim, são { as quatro cervejas, etc.

AS CERVEJAS.

D'antes não se bebia  
Cerveja nacional,

Pois sabia

Muito mal;

Mas hoje em dia...

TODOS.

Mas hoje em dia...

AS CERVEJAS.

Ninguém recebe

Cerveja Plá,

E só se bebe

Da feita cá

Somos as quatro cervejas, etc.

N. 15

COPLAS DA CERVEJA GUARDA-VELHA.

I

Eu não sou de imposturia,  
Eu não sou de espalhato;  
Não me falta freguezia  
E o meu chope é o mais barato.  
Se vocês me olham de esguelha,  
Esse olhar não me acovarda:  
No jardim da Guarda-Velha  
Tenho a minha velha guarda.

II

Toda a noite em quantidade  
Se acham lá velhos e moços,  
Que vão abrindo a vontade  
Com punhados de tremoços.  
E quando o freguez se entope  
Taes tremoços a engulir,

Pede sempre mais um chope,  
Para se... desentupir.

N. 16

CORO E CANTO DOS PRESOS POLITICOS.

Eis os famosos prisioneiros,  
Que andaram como o papelão;  
Vêm satisfeitos e lampeiros!  
Pudé a não!

(*Entram os tres prisioneiros.*)

OS PRISIONEIROS.

Estamos finalmente  
Em plena liberdade,  
E livres, felizmente,  
Do crusador *Andrade!*  
Oh, que ventura rara!  
Que tarde tão risonha!  
Nós já não vamos para  
Fernando de Noronha!  
Nem temos já  
Que andar de cá  
Pra lá,  
De lá  
Pr'a cá!

1.º PRISIONEIRO.

Eu volto á minha fabrica  
Chapéos vou fabricar!

2.º PRISIONEIRO.

Volto hoje mesmo á Camara  
Discurso vou deitar!

3.º PRISIONEIRO.

A misera *Republica*  
Empastelada está,  
Mas deixem, que outro titulo  
O meu jornal terá.

OS TRES.

O Ruy tem labias!

Elle é quem é!

Tivemos habeas

Corpus, olé!..

*(Saem contentes.)*

N. 17

COPLAS DA COLONIA PORTUGUEZA.

I

Meus amigos, aqui tendes

A Colonia Portugueza!

Não ha outra com certeza

Tão querida como eu sou!

Entre o povo brasileiro

Sou feliz e sou ditosa!

De uma patria tão formosa

Deus foi quem me approximou!]

O' terra, ó terra

Dos meus amores!

Paiz que encerra

Tantos primores!

II

Quatro seculos faz hoje

Que o heróe Vasco da Gama

Illustrou de eterna fama

O meu velho Portugal,

E eu, saudosa do meu berço,

Eu, que o meu paiz adoro,

Dignamente commemoro

Aquelle feito immortal!

O' terra, ó terra, etc.

CORO.

O' terra, ó terra, etc.

N. 18

APOTHEOSE

## ACTO SEGUNDO

### QUADRO V

O largo do Paço.

N. 19

CORO DOS TAMANCOS.

Augmentaram ás passagens  
— Oh, que horror! — mais um tostão!  
Actualmente estas viagens  
Para os ricos é que são!

1.º PASSAGEIRO.

Como a empreza nos pregasse  
Uma peça tão atroz,  
Logo p'r'a segunda classe  
Nos passámos todos nós!

2.º PASSAGEIRO.

Mas a empreza omnipotente  
Grita e berra que não quer  
Na segunda classe gente  
Que de botas estiver!

3.º PASSAGEIRO.

Não temendo taes arrancos,  
E illudindo a intimação,  
Aqui estamos de tamancos  
E poupamos o tostão!

A SENHORA.

Sim, de tamancos!  
Ai, que chalaça!  
Mas — sejam francos —  
Tivemos graça!

CORO.

Sim de tamancos!  
Ai, que chalaça!

Mas — sejam francos! —  
Tivemos graça!

N. 20

COPLA DE GRAVROCHE.

Como havia

Todo o dia

Um suicidio, ou dous, ou tres,

E a mór parte estimulada

Pelo exemplo era, talvez,

Sem detença

Toda a imprensa

— E fez ella muito bem! —

Resolveu não dizer nada

Do suicidio de ninguem.

Quem da bahia no fundo

O *Javary* visitar,

Ha de sahir deste mundo

Sem um *réclame* levar.

N. 21

VALSA DA COMPANHIA INDUSTRIAL.

Sou uma empresa supimpa,

E mostrar é o meu capricho

Que póde a gente ser limpa

Mesmo vivendo do lixo.

Tenho carroças bonitas,

Nedios e lindos muares,

E carroceiros catitas,

Carroceiros exemplares

Para fazerem visitas

A's casas particulares.

Eu projecto neste instante,

Pois forçoso é ser charlata,

Do meu material rodante

Fazer uma passeata,

Com musicata !



Zim lá lá!

Zim lá lá!

( *Gavroche e Simão de Nantua cantam  
tambem* ).

— —  
N. 22

FADO.

1.º CARROCEIRO.

Triste vida a vida nossa,  
Que passamos a chorar  
Sem ter burro nem carroça,  
No mundo vamos ficar!

2.º CARRROCEIRO.

Eu ando triste e casmurro,  
Sem que me diga ninguem  
O que hei de fazer do burro  
E da carroça tambem.

1.º CARROCEIRO

O meu burro á companhia  
De Botafogo vou dar,  
Que a electricidade um dia  
Póde outra peça pregar.

2.º CARROCEIRO.

O meu irá de presente  
Pr'o Conselho Mun'cipal ;  
Talvez que para intendente  
Sirva o pobre do animal.

— —  
QUADRO VI

Quarto de hotel barato

N. 23

COPLAS DE BOAVENTURA.

I

Quando em 15 de Novembro  
A Republica foi feita,

Se dizia—eu bem me lembro!—

Desta feita

Tudo, tudo se endireita!

Já nove annos são passados...

'Stamos mais adiantados?

'Stamos mais assim assim?

Pois sim!

Pois sim!

II

A lavoura tá no extremo,  
Tá no extremo a nossa praça,  
E da industria não falemo,

Que isso é mêmo

Que isso é mêmo uma desgraça!

Acreditam que a fortuna

Sem o braço de um turuna

Ao Brasil volte por fim?

Pois sim!

Pois sim!

QUADRO VII

Na rua do Ouvidor.

N. 24

CORO.

Nada nada tem mais graça,  
Nestas horas de calor,  
Que passar, ou ver quem passa  
Pela rua do Ouvidor.  
Rasguem bellas avenidas,  
Com jardins e muita flor:  
Não serão tão concorridas  
Como a rua do Ouvidor!

N. 25

TERCETTO DO CHAPÉO.

A MODISTA.

Façam favor de examinar :  
Isto é chapéo e companhia !  
Com elle até posso abrigar  
Um regimento de cavallaria !

*(Tem tirado o chapéo que conserva nas  
mãos.)*

GAVROCHE.

Nem de noite, nem de dia,  
Senhora, não se devia  
Trazer essa coisa immensa  
Pelas ruas da cidade,  
Sem licença  
Da municipalidade.

SIMÃO.

As senhoritas mais fracas  
Que trazem destas barracas,  
Com macaquinhos no sotam  
Ficarão, não lhes pareça,  
Porque botam  
Trinta kilos na cabeça !

A MODISTA.

Como o senhor se engana: o meu chapéo é leve!

*(Dá o chapéo a Simão, que o peza, e de-  
pois passa-o a Gavroche, que faz o mesmo.)*

SIMÃO.

E' certo.

GAVROCHE.

E' exacto. *(Restitue o chapéo).*

SIMÃO.

Este chapéo da moda  
Vejo que só incommoda  
A quem trazel-o não deve.

A MODISTA.

Vão ver agóra a minha idéa:  
Este botão basta calcar . . .

P'ra que o chapéo n'uma platéa  
A ninguem possa incommodar.

*(Calça um botão invisível) O chapéo re-  
duz-se a uma capota de pequenas dimensões.)*

Um... dous... tres! Prompto! Que tal?

SIMÃO E GAVROCHE.

E' realmente original!

OS TRES.

Que coisa engenhosa!

Que transformação!

E' maravilhosa

Tão bella invenção!...

---

N. 26

APRESENTAÇÃO DO CENTRO ARTÍSTICO.

O CENTRO.

Centro gentil!

Salva o Brasil!

SIMÃO.

Que ouço! musica de Wagner!...

GAVROCHE.

Vamos ter caceteação!...

O CENTRO.

Wagner! Wagner! sempre Wagner!

Está nelle, só nelle, a salvação!

Mas emfim,

Vou dizer-lhes quem sou n'uma valsa chinfrim:

VALSA.

Represento uma idéa feliz,

Que a este novo e formoso paiz

Faltava.

Ah! eu tenho inimigos assim

*(Gesto de que são muitos).*

Porém hei de mandal-os, por fim,

À' fava!

Intenção mais honesta não ha,

Que a intenção que este fogo me dá  
Tão puro;  
Toda a idéa mil guerras soffreu:  
Tenho muita esperança no meu  
Futuro.

CORO.

Representa uma idéa feliz,  
Que a este novo e formoso paiz  
Faltava:  
Elle conta inimigos assim;  
Porém ha de mandal-os, por fim,  
A fava

N. 27

LUNDÚ DAS DATAS NACIONAES.

O MAJOR.

Em 24 de Fevereiro...

A SOCIEDADE.

Jurou-se a nossa Constituição,

O MAJOR.

13 de Maio?

A SOCIEDADE COMMEMORATIVA.

Foi um sarceiro!

Nós demos cabo da escravidão

O MAJOR.

E a 3 de Maio?

A SOCIEDADE.

Foi descoberto

O nosso amado, bello Brasil.

O MAJOR.

E Tiradentes? Dize-me ao certo

Quando o enforcaram.

A SOCIEDADE.

21 de Abril.

O MAJOR.

E' data franceza

14 de julho,

Mas lembra um barulho  
Que a nós nos serviu.

A SOCIEDADE.

E a 12 de Outubro  
Colombo este mundo  
No abysmo profundo  
Do mar descobrio!

AMBOS.

Mas as datas nacionaes,  
Que o são por excellencia,  
Sem desfazer nas demais,  
E' o 7 de Setembro  
E o 15 de Novembro,  
Que a data da Independencia  
É da Republica são.

Não ha datas

Mais gratas

Ao brasileiro coração!

CORO GERAL.

Mas as datas nacionaes, etc.

N. 28

AS COMPANHIAS DE SEGUROS.

Pobres, tristes, infelizes

Companhias de seguro!

A mais barbara das crises

Lhes promette um máo futuro!

O' corpo de bombeiros, excellente,

E's a nossa esperanza unicamente!

O CORPO DE BOMBEIROS.

Cá estou! cá estou!

Nunca ninguem debalde me chamou!

Os bombeiros

São ligeiros!

Quando os chamam

É os reclamam,

Apparecem,  
Comparecem  
Promptamente,  
Velozmente!

TODOS.

Os bombeiros  
São ligeiros, etc.

OCORPO DE BOMBEIROS.

Mas a minha eterna magoa,  
Que me faz desesperar,  
É' que ha sempre falta d'agoa,  
E sem agua não posso apagar!

CORO

Mas a sua eterna magoa  
O que o faz desesperar,  
É' que ha sempre falta d'agoa,  
E sem agua não pôde apagar!

## QUADRO VIII

Corredor da Candelaria

N. 29

ROMANÇA DA FÉ'

Eu sou a Fé, e sinto-me contente.  
Balsamo doce na minh'alma entrou:  
Eis concluida a minha obra ingente,  
Que mais de um longo seculo durou!  
Érgue-se altivo e deslumbrante o templo!

E nessa obra immensa

Um povo inteiro vê

O quanto pôde um cerebro que pensa,  
O quanto pôde um coração que crê!

## QUADRO IX

A CANDELARIA

(*Apotheose*)

## ACTO III

### QUADRO X e XI

No palacio da Opinião Publica---Pantheon.

N. 30

CORO DOS GUARDAS.

Da Opinião Publica  
Somos a guarda,  
Phalange energica,  
Tropa galharda,  
Que nem diante de uma farda  
Nem de um cano de espingarda  
Se acovarda!

N. 31

CONCERTANTE

IMPrensa.

Vinde cá, ó novidades,  
Vinde, vinde sem tardar:  
Da revista os dous compadres  
Vos desejam revistar!

(Entrada da *Imprensa* (jornal) da *Tribuna*, do *Mercurio*, da *Rua do Ouvidor*, da *Ronda* e do *Rio Nú*)

OS JORNAES.

Eis os jornaes  
Que acabam de nascer,  
Alguns dos quaes  
Já estão quasi a morrer!



COPLAS

A TRIBUNA.

I

Sou a Tribuna,  
Guapa e turuna,  
Rija columna  
Da opposição !  
Os meus artigos  
Aos inimigos  
Novos e antigos  
Deitam no chão !

A IMPRENSA.

Mas o diabo é que apresentas  
Inquietadores symptomas . . .  
Tu, se cuidado não tomas,  
Não te aguentas !

CORO.

Mas o diabo é que apresentas, etc.

MERCURIO.

II

Eu sou Mercurio,  
Leve e ligeiro,  
Todo faceiro,  
Todo pimpão !  
A's minhas ordens  
Tenho o talento  
Tão turbulento  
Do Julião !

A IMPRENSA.

Mas o diabo é que apresentas, etc.

CORO

Mas o diabo é que apresentas, etc.

A RONDA

Sou a Ronda, e vivo a dar  
Palpites ao Zé Pagante,

A IMPRENSA.

E' folha, posso afiançar,  
De interesse... palpitante.

A RUA DO OUVIDOR.

Sou a Rua do Ouvidor,  
Tambem novidade do anno.

IMPRENSA.

jurou em gravura pôr

A todo o genero humano

GAVROCHE, *ao Rio-Nú*

E tu? quem és tú?

RIO NU'.

Eu sou o *Rio Nú!*

Eu sou jocoso!

CORO.

Ah! Ah! Ah! Ah!

RIO NU'.

Espirituoso!

CORO,

Ah! Ah! Ah! Ah!

RIO NU'.

Os leitores meus eu sei divertir,  
E ninguem me l' sem se pôr a rir!

SIMÃO.

E a senhora quem é?

A IMPRENSA, *jornal*

Eu sou a Imprensa.

SIMÃO.

Perdão, peço licença;

A Imprensa já cá está.

A IMPRENSA, *jornal*.

E' o meu titulo a *Imprensa*.

SIMÃO.

Ah! sim, percebo já!

A IMPRENSA.

Tem sido o meu successo esplendido,  
Tenho agradado ao povo inteiro,

Graças á penna illustre e sabia  
De um jornalista brasileiro,  
Que tem cabeça e companhia,  
E que hoje em dia...

TODOS.

E que hoje em dia...

A IMPRENSA

E' dos primeiros o primeiro!

CORO GERAL

Tem sido o seu successo esplendido,  
Tem agradado ao povo inteiro, etc.

---

## QUADRO XII

A mesma scena do quadro VI  
(Sem musica)

---

## QUADRO XIII

O theatro basileiro

---

N. 32

COPLAS DA FADA DAS BONECAS.

I

Eu sou de Vienna,  
Terra do bom pão,  
E ganhei na scena  
Tal reputação,  
Que do mundo inteiro  
Logo a volta fiz;  
Dei muito dinheiro,  
Fui muito feliz!  
Tão feliz e tão valente,  
Tanta vez representada,  
Que dizia toda gente:  
Oh, que fada!  
Oh, que fada!  
Oh, que fada bem fadada!...

II

Mas nesta cidade  
Tudo se mudou ;  
A felicidade  
Me desamparou.  
E foi necessario  
Que eu viesse aqui  
Para um empresario  
Se queixar de mi.

Ando aqui tão descontente,  
Sou tão mal representada,  
Que murmura toda a gente:  
Oh, que fada !  
Oh, que fada !  
Oh, que fada mal fadada !...

N. 33

CANTO DE DALILA.

*(Musica de Saint-Saens)*

Mas o carioca  
Que não tem nada de tolo,  
Não gostou da troca  
E por pouco fez um rolo !  
Eu disse a seu Sanzone:  
« Não troque o meu Sansão,  
A menos que tencione  
Que eu apanhe um trambolhão ! »  
Não me ouviu... e voltei sem o meu Sansão !..

N. 34

COPLAS DA MARCHA DE CADIZ.

I

Eis a famosa Marcha de Cadiz,  
Que toda a gente foi applaudir !

Ao ir-me embora deixei saudades,  
Tinha a virtude de fazer rir.

Tra la la la!

Ao som da marcha que aqui está  
O povo inteiro marchou já

II

Levei á rua do Lavradio  
Toda esta bella população!  
Nunca o theatro ficou vasio!  
Quanto successo! quanta ovação!...  
Tra la la la! etc.

N. 35

COPLAS DO THEATRO MUNICIPAL

I

Foi por artes do demonio,  
Artes que explicar não sei,  
Que perdi o meu patrimonio  
É a ver navios fiquei!  
Adeus, ó minhas pelegas!  
Ai! que destino fatal!  
Ficou p'r'as kalendas gregas  
O Theatro Municipal!

II

As obras de Botafogo  
Hei de vel-as concluir;  
A pedreira de S. Diogo  
Talvez deixe de existir;  
O morro de Santo Antonio  
Abaixo um dia virá;  
Porém o meu patrimonio  
Esse nunca voltará!

QUADROS XIV, XV e XVI  
PARODIA DO BAILADO DAS BONECAS

---

